

MACBETH: Trair para ser fiel

MACBETH: to betray for to be faithful

Sérgio Murilo Rodrigues *

Os italianos têm um ditado que se espalhou pelos países de língua latina: *traduttore traditore*, que literalmente significa *tradutor traidor*. Essa expressão em português fica pedindo um complemento ou um verbo. Assim, para sermos fieis ao ditado italiano precisamos trair a expressão original e traduzi-la como *traduzir é trair*. O tradutor que quiser ser rigorosamente fiel ao texto original precisa trair a tradução literal e fazer uma tradução do sentido geral.

Os filósofos, como os poetas, não deixam de ser um tipo de tradutores. Ferreira Gullar fez até um poema chamado *Traduzir-se*:

Uma parte de mim é todo mundo: outra parte é ninguém: fundo sem fundo. Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e solidão. Uma parte de mim pesa, pondera: outra parte delira. Uma parte de mim almoça e janta: outra parte se espanta. Uma parte de mim é permanente: outra parte se sabe de repente. Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem. Traduzir uma parte na outra parte – que é uma questão de vida ou morte – será arte? (2004, p. 11)

William Shakespeare (1564-1616) também era um poeta, que buscou traduzir a alma humana em suas peças-poemas. É curioso como a ficção pode traduzir a realidade de uma forma mais fiel inventando uma estória artificial. *Jacques Lacan* (1901-1981) nos dá uma pista para satisfazermos a nossa curiosidade. Segundo ele, a verdade tem estrutura de ficção. Ela se revela escondendo. A verdade é um jogo entre o velar e o desvelar. Desta forma, eu posso revelar mais de mim através de uma estória inventada do que através de um relato fiel da realidade.

Vou tentar traduzir o que Shakespeare disse com *Macbeth*. Não espero ser fiel ao texto, mas espero revelar algumas verdades.

Macbeth, de todas as peças de Shakespeare, é a que possui a estrutura mais próxima da tragédia grega. A peça começa com um oráculo, uma previsão. E a realização desta previsão terá como consequência o castigo e a morte daquele que foi objeto da previsão. Vamos recapitular rapidamente a

* Professor do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa da PUC Minas. Palestra apresentada no *Convite ao Pensar*, em 11 de setembro de 2010.

estória. Macbeth e Banquo são dois corajosos e honrados generais do exército do rei Duncan da Escócia, que lutam e vencem o traidor MacDonwald. Ao voltarem para casa, depois da batalha, encontram três bruxas que fazem previsões acerca do futuro. Para Macbeth, elas dizem que ele será no futuro Barão de Cawdor e rei da Escócia. Para Banquo, dizem que o filho dele será reis. Percebam que as duas previsões são conflituosas, já que tornando-se Macbeth Rei, deveria ser o seu filho e não o de Banquo, aquele que o sucederia no trono. Antes de chegar em sua casa, Macbeth e Banquo recebem dois mensageiros do Rei, que informam que o Barão de Cawdor estava do lado de Macdonwald e portanto é também um traidor e por isso ele foi destituído do seu título, que agora era passado a Macbeth. A primeira previsão se realiza, Macbeth se torna o Barão de Cawdor. Ele, que antes não acreditava nas profecias das bruxas, passa a acreditar e fica feliz diante da possibilidade de ser o futuro Rei da Escócia. Neste momento, Macbeth imagina que ele sucederá o Rei Duncan, quando este morrer de velhice. Mas dentro do coração de Macbeth surge o desejo obscuro de não esperar tanto tempo pela morte do Rei. Quem sabe ele não poderia apressá-la. Então, ele escreve uma carta para sua esposa, Lady Macbeth, contando as previsões das bruxas e a realização da primeira previsão. Pouco tempo após ter lido a carta do marido, Lady Macbeth recebe a notícia de que o Rei passaria a noite no castelo dos Macbeth. A ambição despertada com a carta do marido fica maior agora diante da possibilidade de por fim a vida do Rei Duncan. Quando Macbeth chega ao castelo, já está arrependido de ter desejado a morte do Rei, mas a sua esposa conta-lhe que ele passará a noite no castelo e que aquela era a grande oportunidade esperada. Ela o incita a matar o Rei. Diante do recuo do marido, Lady Macbeth o chama de covarde, o humilha, o provoca até que ele aceite seguir o plano da esposa e apunhalar o Rei durante o sono. Veja bem, Macbeth, fiel ao rei Duncan, luta e mata um traidor, assume o lugar de outro traidor (Barão de Cawdor) e agora está pronto para cometer a maior das traições; matar o Rei que está sob a proteção da hospitalidade do próprio Macbeth; matar o Rei que vem pessoalmente agradecer a lealdade de Macbeth; matar o Rei no momento em que ele estiver mais indefeso: durante o sono. O herói corajoso, íntegro e virtuoso se torna o pior vilão. Macbeth, incentivado pela esposa, mata o Rei. A culpa cai sobre os dois guardas que deveriam vigiar o sono do Rei e a suspeita sobre quem teria mandado os guardas fazerem tamanha vilania recaí sobre os filhos do Rei, que fogem do castelo. A partir daí, Macbeth e sua esposa passam a ficar atormentados pela culpa e pelo medo. Medo de pensar no que fez e medo de que outros façam o mesmo com ele. Movido por este medo e lembrando-se da previsão da bruxa de que o filho de Banquo será reis. Macbeth manda matar a traição Banquo e seu filho, no entanto o filho de Banquo escapa. No entanto, tal fato só faz aumentar o medo e o tormento de

Macbeth, que passa a ver o fantasma de Banquo, seu grande amigo. Tomado pela loucura da culpa, Macbeth se torna um tirano violento, que manda matar esposas e filhos de seus adversários (algo considerado inaceitável, mesmo para aqueles tempos bárbaros e violentos). Por outro lado, os filhos do Rei assassinado pedem asilo na Inglaterra e com ajuda dela começam a organizar um exército para atacar Macbeth. Macbeth diante do ataque eminente recorre novamente às profecias das bruxas e novamente duas profecias são feitas.: ninguém nascido de mulher pode fazer mal a Macbeth e Macbeth jamais será vencido, a menos que o grande bosque de Birnam marche contra ele. Diante de duas situações tão improváveis, Macbeth se enche de confiança e de arrogância. Nesse meio tempo, Lady Macbeth atormentada pela culpa passa a andar e a falar durante o sono, revelando o crime dela e do marido. Não resistindo à culpa, Lady Macbeth comete o suicídio. Chega o momento da batalha final, as forças inglesas escondidas no bosque de Birnam têm a ideia de cortar galhos de árvores para se esconderem e não revelarem para o inimigo qual o seu verdadeiro número. Assim, as tropas inglesas se deslocam na direção do castelo fantasiadas de árvores e o incrédulo Macbeth vê do alto da sua torre o bosque de Birnam marchar contra ele. A batalha se inicia e ninguém consegue derrotar Macbeth. Macduff, que deve a mulher e o filho assassinados por Macbeth, o chama para o duelo final. Macbeth zomba de Macduff, pois nenhum homem nascido de mulher poderá derrotá-lo. Macduff ri e revela que ele não nasceu de sua mãe, mas foi arrancado do ventre antes do tempo. Macbeth morre.

Como já foi dito, a peça começa com uma previsão. Mas, ao contrário das tragédias gregas nas quais os oráculos são tenebrosos, negativos (o oráculo de Édipo, por exemplo, dizia que ele mataria o pai e casaria com a mãe), o oráculo de Macbeth é benéfico, positivo: tornar-se rei. Se na tragédia grega, o herói tenta fugir do destino revelado, mas não consegue, na peça de Shakespeare, o destino previsto é algo desejável e, portanto algo a ser perseguido.

Essa aparentemente inocente inversão cria uma interessante tradução da alma humana. Ora, na medida em que o oráculo prevê uma ação desejada, ele simultaneamente provoca a ação prevista através do despertar da cobiça e da ambição do sujeito. Macbeth já desejava ser rei, mesmo que ocultamente, antes mesmo das bruxas preverem que ele seria. Assim, há uma ambigüidade, na previsão das bruxas: elas realmente conheciam o futuro ou apenas despertaram um desejo oculto em Macbeth, dando-lhe confiança para persegui-lo e alcançá-lo? Isso nos leva a pensar que o único responsável pelos acontecimentos criminosos e trágicos que acontecem durante a estória é o próprio Macbeth. Ele teve escolha. Ele poderia não ter feito nada, ficando esperando o destino realizar-se por si mesmo. Mas não! Ele tomou o destino em suas mãos e provocou os acontecimentos. Macbeth teve escolha e ele

escolheu o “lado negro da força”. *Estrelas, escondam o seu brilho; não permitam que a luz veja meus profundos e escuros desejos. Que o olho se feche ao movimento da mão; e, no entanto, que aconteça!* (2001, p.22-3) Se em relação a Édipo podemos dizer que ele não teve culpa de nada, pois tudo foi resultado de um destino inevitável e terrível, do qual ele tentou inutilmente fugir, pois quanto mais ele fugia, mais se aproximava dele. Já Macbeth precisa assumir a culpa por seus atos, pelo destino que ele procurou. Um destino bom, ser rei, do qual Macbeth não queria fugir, pelo contrário. Ele tinha consciência das suas decisões e dos seus atos, por isso tinha também a consciência da sua culpa.

O advogado de defesa de Macbeth poderia alegar que ele não teve culpa nenhuma, pois ele foi provocado a agir a partir das bruxas e de Lady Macbeth que insiste que ele leve adiante o plano de matar o rei Duncan e tomar o seu lugar. Uma leitura apressada ou tendenciosa poderia nos levar a conclusão de que a culpa é das mulheres. São elas a tentação que leva os homens a perdição. Se voltarmos à Grécia trágica, encontramos vários exemplos de mulheres que levam os homens a perdição. Helena de Tróia provoca dez anos de guerra, milhares de mortes e a destruição de uma cidade, Pandora é a responsável por todos os males do mundo; Clitemnestra mata covardemente o pobre Agamêmnon. Temos ainda as *moiras*, deusas do destino, e a relação entre as três moiras responsáveis pelo destino dos homens na Grécia antiga e as três irmãs sinistras são claras. Só que as bruxas não são deusas do destino, mas apenas querem *brincar* de senhoras do destino. O objetivo delas é provocar o mal através do *estímulo* da ambição desmedida dos homens. A única tentação aqui é aquela provocada pela revelação dos desejos ocultos que os homens já possuem e querem realizar e só esperam uma palavra que lhes dê confiança para fazerem o que sempre sonharam.

Mas ainda temos Lady Macbeth. Após receber a carta de Macbeth, ela já passa a temer que ele não tenha coragem de ir adiante com seu desejo.

Queres ser grande, e para isso não te falta ambição, mas careces da maldade que deve acompanhar essa ambição. (...) Não queres jogar sujo, e mesmo assim desejas vencer de modo indevido. Desejas ter (...) a coroa que grita que assim deves agir se queres tê-la (2001, p. 24).

Lady Macbeth, “frágil” mulher, clama aos espíritos da noite para ajudá-la na tarefa mortal.

Vinde vós, espíritos que sabem escutar os pensamentos mortais, liberei-me aqui de meu sexo e prenchei-me, da cabeça aos pés, com a mais medonha crueldade, até haver ela de mim tomado conta. Que o meu sangue fique mais grosso, que se obstrua o acesso, a passagem, para o remorso (...) (2001, p. 25)

Macbeth, já arrependido só de pensar no ação de matar o rei tenta argumentar contra o assassinato. *O rei aqui se encontra sob dupla salvaguarda: primeiro, sou dele parente e súdito, duas fortes razões contra tal ato; depois, como seu anfitrião, devo fechar meus portões a seu assassino, e não empunhar eu mesmo a adaga* (2001, p. 30). O sentimento de culpa de Macbeth fica dramaticamente registrado quando ele tem uma alucinação: *vê uma adaga pairando no ar. É isto uma adaga, que vejo diante de mim, o cabo voltado para minha mão? Vem, deixa-me agarrar-te. Não te tenho, e, no entanto, te enxergo, ainda e sempre* (2001, p.36). Mas Lady Macbeth não deixa o seu marido recuar. *Tens medo de ser na própria ação e no valor o mesmo que és em teu desejo?* (2001, p. 31). Ela o chama de covarde por não querer realizar aquilo que foi desejado por ele mesmo. *Queres que teu desejo se realize sem ter que realizar nenhuma ação?*

No entanto, a força cênica da personagem de Lady Macbeth se restringe a três cenas do primeiro ato da peça. Logo no segundo ato, já encontramos uma Lady Macbeth entregue ao remorso e não mais disposta a agir. Mesmo quando ela incitava seu marido a cometer o crime que poderia satisfazer o desejo de ambos, já há sinais de arrependimento diante da crueldade antecipada. Ela entra no quarto do rei Duncan para verificar se os guardas estão dormindo profundamente e deixar a adaga pronta para o seu marido usar. Ela pensa em ela mesma cometer o crime, mas a fragilidade da mulher transparece na sua fala. *Não lembrasse tanto meu pai enquanto dormia, teria eu mesma cometido o ato* (2001, p. 38).

O papel principal da peça cabe a Macbeth e isso significa que cabe a ele assumir a responsabilidade por todos os atos praticados. Podemos facilmente interpretar as bruxas e mesmo Lady Macbeth como a própria consciência de Macbeth. Assim, é ele, em conflito com a sua consciência, que decide agir buscando a realização do seu desejo. Ele não é motivado a agir por causa de nenhuma mulher, mas apenas por causa da sua própria consciência.

Aqui chegamos ao ponto, em termos filosóficos, central da peça: Macbeth era bom ou era mau? Macbeth era simplesmente humano, demasiadamente humano. E enquanto humano, ele é *ser de desejo* caracterizado pela ambigüidade (a mão que acaricia é a mesma que fere e machuca). Macbeth é bom e é mau, corajoso e covarde, honrado e traidor, nobre e imoral. O ser humano não se caracteriza por uma *inflexibilidade* de caráter, pelo contrário, a complexidade do ser humano está naquilo que ele esconde dentro de si e que não pode ser percebido através da sua aparência externa. É como a bruxa diz na primeira cena: *O belo é podre, e o podre, belo sabe ser* (2001, p. 7). Ou seja, mesmo o melhor homem tem dentro de si o mal pronto a aparecer e este mal é dissimulado para parecer belo. O rei Duncan, na

cena IV, também fala daquilo que se esconde dentro dos homens. *Não existe arte pela qual se possa adivinhar o caráter de um homem só em observando-lhe a fisionomia. Ele foi um cavalheiro, e nele depositava eu absoluta confiança* (2001, p. 21). Nessa fala Duncan está se referindo ao antigo Barão de Cawdor, executado como traidor e, no entanto, tal fala cabe perfeitamente para Macbeth, aquele que assumirá o título de Barão de Cawdor e trairá e matará o rei Duncan. Shakespeare caracteriza bem a ambigüidade humana naquela única qualidade de Macbeth que é simultaneamente boa e má: a determinação. Macbeth é um guerreiro, um homem determinado a agir, mas ser um homem determinado não lhe garante ser um homem bom, pois a determinação pode gerar más ações também. Pensemos em um homem de caráter inflexível, certamente trata-se de um homem bom. Será? A virtude pode ser o melhor disfarce para o mal. É isso que Banquo nos diz ao comentar as profecias das bruxas para Macbeth.

Mas é estranho, porque muitas vezes, no intuito de conduzir-nos até a destruição, os instrumentos de Satã contam-nos verdades, cativam-nos com insignificâncias claramente honestas, só para trair-nos em conseqüências as mais profundas (2001, p.18).

Enquanto ser de desejo, o homem, como bem nos lembra Schopenhauer, é pura insatisfação e a insatisfação motiva a ambição e a cobiça. É o que percebe Lady Macbeth, que embora tenha realizado o seu desejo de ver o rei Duncan morto e o seu marido coroado como sucessor do rei, ela continuava infeliz, ou seja, insatisfeita. *Nada se ganha, e tudo se perde, quando nosso desejo fica satisfeito sem contentamento* (2001, p. 63). Além disso, o desejo é sempre *individual*, é sempre o *meu* desejo, que não coincide com o desejo do outro. Assim, muitas vezes, para realizar o meu desejo, eu preciso anular o desejo do outro. E isso é o mal: ignorar (anular) o outro. Kant (1724-1804), em suas reflexões éticas centradas na consciência racional dos homens, depara-se com um problema terrível. Homens inteligentes, intelectuais, acostumados a utilizar a razão para resolver questões teóricas de grande complexidade, diante de problemas práticos simples, abandonam a opção mais racional, para escolher aquela que lhes dará mais prazer. Ora, será possível que esses homens não sejam capazes de reconhecer a opção de ação mais racional, mais justa, a que provocará uma maior bem para todos? Com certeza que sim, mas eles preferem seguir os seus interesses mesquinhos. Kant chama a isso de *mal radical* (1974). O homem tende a fazer aquilo que satisfaz aos seus sentidos, aos seus prazeres, aos seus interesses, mesmo sabendo perfeitamente bem o que é melhor, mais racional, de se fazer. O homem tem plena consciência da lei moral, mas escolhe livremente não segui-la.

Na tragédia grega, a ação desmedida do herói, a *hybris*, provoca um castigo que está inscrito no próprio destino do herói que não tem como fugir das moiras. É o destino que atormenta o herói. Na tragédia de Shakespeare, o destino é resultado de uma escolha consciente, logo o castigo não está no destino, mas na própria consciência que decidiu pela ação desmedida. Como diz o ditado, cuidado com os teus desejos, pois eles podem se realizar. Macbeth deseja ser rei e o seu desejo se realiza, mas a sua consciência não o deixa esquecer como ele realizou o desejo. Macbeth começa a ter alucinações. Ele ouve uma voz gritando *Dormir, nunca mais! Macbeth não mais dormirá* (2001, p. 40). Logo depois ele diz: *Tenho medo de pensar no que fiz* (2001, p. 41). Na tragédia grega, a loucura era uma deusa, Atê; ela tinha pés macios, pois só caminhava pisando nas cabeças dos homens, mas de qualquer forma, era uma força externa atuando sobre o homem. Em Macbeth, a sua loucura e posteriormente a da sua mulher é o resultado da própria consciência de culpa, do remorso que os corrói. O preço a se pagar pelo crime cometido é ser perseguido por algo do qual não se pode fugir: a própria consciência. Macbeth clama: *Saber o que fiz...! Melhor seria não saber quem sou*. Macbeth continua com alucinações, agora passa a ver o fantasma de Banquo, o amigo que ele mandou matar a traição. Mas é em Lady Macbeth que a loucura causada pelo remorso fica melhor caracterizada. Ela vira uma sonâmbula, caminhando com uma vela acesa na mão, como que para iluminar a escuridão instalada em seu coração. Ela esfrega as mãos sem parar. A dama de companhia esclarece. *Esse é um movimento rotineiro com ela, quando parece estar lavando as mãos. Já a vi insistir nessa gesticulação por um quarto de hora. Depois é a vez de Lady Macbeth explicar o que está fazendo: mas será que estas mãos não estarão jamais limpas? Aqui está, ainda agora, este fedor de sangue. Nem todos os perfumes das Arábias conseguirão perfumar esta mãozinha*. A dama de companhia comenta que nem por todo o ouro e poder do mundo ela gostaria de carregar tamanha culpa. *Eu não carregaria assim no peito coração tão machucado, nem por todo o valor da pessoa inteira*. Macbeth também se perde em suas culpas. *Ele não consegue mais controlar as rédeas de sua desnorteada situação*. Macbeth se torna desesperado: *E o que deveria acompanhar a velhice, coisas tais como o respeito, o amor, a obediência, o grande número de amigos, a mim é vetado desejar. Em vez disso, esperam-me maldições*. Não podemos deixar de lembrar aqui de Nietzsche e do seu comentário sobre a *consciência de culpa*, chamada por ele de *má consciência*. Ela é o pilar central na formação das regras morais. Mas aquilo que Nietzsche verá com um olhar extremamente crítico, Freud já verá como essencial para a formação da civilização. Em seu livro *O mal-estar na civilização*, Freud coloca o remorso, a consciência de culpa, como o mecanismo principal para a repressão dos desejos. Como não é possível que todos satisfaçam de forma ilimitada os seus

desejos, é preciso proibir a realização de certos desejos. Essa proibição só será eficaz se ela for interna. A punição pelo desejo realizado ou simplesmente pensado é sentir uma culpa asfixiante. Esse remorso é gerado na criança pelos pais que ameaçam deixar de amá-la se ela realizar certos desejos. Como a criança não quer perder o amor dos pais, ela passa a seguir as leis dos pais.

Já que estamos falando de repressão dos desejos, podemos falar também de *traição* e finalmente chegamos à conclusão da palestra. Ora, se todos fossem absolutamente fieis as regras, então nunca haveria mudança nenhuma. Trair significa abandonar certas regras para adotar outras. Macduff, por exemplo, era fiel ao rei Duncan, mas para o agora rei Macbeth, Macduff era um traidor. Afinal de contas, Macduff é um traidor ou não? *O que é um traidor?* Pergunta o filho de Macduff na cena II do quarto ato. Lady Macduff responde: *Ora, um que está mentindo quando faz uma promessa.* O menino, assumindo uma postura filosófica, questiona, se todos aqueles que quebram as suas promessas são traidores e por isso, devem ser punidos, então haverá muito poucos homens que possam puni-los, pois será muito difícil encontrar um homem que nunca tenha quebrado uma promessa. Assim, a fidelidade está ligada a relação que você mantém com alguém a quem você prometeu várias coisas. Para mantermos um sentido estável para nossas vidas, reafirmamos promessas, que nem sabemos por quem foram feitas.

A pergunta fundamental aqui é *a quem devemos ser fiéis?*

Cruel é esta nossa época, quando somos traidores antes mesmo de conhecerno-nos a nós mesmos; quando o medo leva-nos a acreditar em rumores, sendo que não sabemos nem mesmo o que nos causa esse medo; pelo contrário, flutuamos em um mar selvagem e violento que nos carrega de um lado para outro (2001, p. 93).

Ora, devemos ser fiéis a nós mesmos e para isso precisamos nos conhecer bem para que possamos decidir sobre os nossos desejos, sobre a nossa vida. Precisamos entender bem os nossos próprios desejos e enfrentar com dignidade as prováveis conseqüências dele. Sabemos que não poderemos realizar todos os nossos desejos, pois como Macbeth descobriu, precisamos viver com os outros e com a nossa própria consciência. Macbeth foi fiel ao seu desejo, ser rei, mas ele poderia o ter realizado de outra forma. O poder lhe cegou ele não viu os outros. E depois ele se pergunta: para que tanto poder? A sua vida não passou a ter mais sentido, depois que ele assumiu o poder real. Afinal de contas, o que é a vida? Uma peça de teatro que representamos até o pano cair. A ficção revela a verdade. O teatro revela a vida. O que leva um ator a representar bem o seu papel? Dinheiro, fama, glória? Não creio que no tempo de Shakespeare fosse possível almejar esses objetivos. Seria então a vontade do ator ser outra

pessoa? Bem, neste caso, além de ser esquizofrenia, o ator só poderia representar um ou dois papéis (afinal de contas, quantas pessoas este ator pode querer ser?). O bom ator quer viver aquele momento com a máxima intensidade, pensando que aquele momento não terá continuidade, mas que só poderá ser vivido naquele exato momento. Por isso é preciso muito cuidado, no sentido de cuidar bem daquele momento único e insubstituível. O único sentido que a vida tem é o sentido de ser vivida. É isso que Macbeth diz ao saber que Lady Macbeth estava morta.

Ela teria de morrer, mais cedo ou mais tarde. Morta. Mais tarde haveria um tempo para essa palavra. Amanhã, e amanhã, e ainda outro amanhã arrastam-se nessa passada trivial do dia para a noite, da noite para o dia, até a última sílaba do registro dos tempos. E todos os nossos ontens não fizeram mais que iluminar para os tolos o caminho que leva ao pó da morte. Apaga-te, apaga-te, breve chama! A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige sobre o palco – faz isso por uma hora e, depois, não se escuta mais sua voz. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, mas vazia de significado (2001, p.124).

Referências

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GULLAR, Ferreira. **Na vertigem do dia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

KANT, Immanuel. **A religião dentro dos limites da simples razão** (1ª parte). São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores)

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Porto Alegre: L&PM, 2001.